

**Luciano de Samósata:
autoridade nas principais discussões historiográficas setecentistas franco-italianas**

Prof. Dr. Eduardo Sinkevisque
(Pós-Doutorando no Depto. de História da UFRGS/CAPES-REUNI)

Objetivo apresentar e discutir alguns dos usos de Luciano de Samósata (séc. II d. C.), feitos por letrados como Charles Irénée Castel de Saint Pierre, Bernard le Bouyer de Fontenelle, Giambattista Vico, Jean le Rond d'Alambert, Gian Francesco Galeani Napione e Gabriel Bonnot Mably. Discuto alguns dos *topoi* que constituem Luciano como *auctoritas* nos seguintes textos: *Dizcours sur la manière d' écrire l'histoire* (1712), *Sur l' histoire* (1724), *Princípios de (uma) ciência nova* (1725), *Refelexion sur l'histoire, et sur les différents manières de l'écriture* (1767), *Saggio sopra l'Arte storica* (1773) e *De la manière d'écriture l'histoire* (1783).

Por não dispor de muito tempo, vou me ocupar apenas de alguns exemplos que demonstram como e por que as referências, citações, glosas e/ou comentários do *Como se escreve a história* se localizam no *corpus* desta minha comunicação oral.

Minha hipótese principal é a de que o *Como se escreve a história*, de Luciano, funciona nos textos estudados não apenas como exibição de erudição, mas, principalmente, como aparato argumentativo indutivo, em conformidade ao decoro do gênero tratadista histórico. Nesse sentido, letrados setecentistas do meu recorte que discutem *história* leem o *Como se escreve a história* não meramente como uma “fonte” ou “documento” positivados como informação natural, sem mediação da prática particular que o produziu, nem como um texto teórico, no sentido atual do termo, muito menos como um manual metodológico ou um panfleto de menor interesse ou qualidade inferior, mas como um texto didático, doutrinário, modelar, do qual se retiraram ensinamentos, advertências, aconselhamentos e críticas sobre a escrita da história.

Para citar apenas alguns dos estudiosos de Luciano, Moses Finley interpreta o *Como se escreve a história* como “um trabalho inferior, superficial e essencialmente sem valor” (FINLEY, 1989, p. 4). Luciano Canfora entende Luciano de Samósata como um dos “teóricos” da historiografia antiga, interpretando o *Como se escreve a história* um “opúsculo metodológico sobre a história” (CANFORA, 1974, p.15).

Os *topoi*, esquemas de argumentação no ato da produção do discurso, ocupam a invenção-disposição de textos. Modalizam o discurso conforme o decoro de seu gênero. No caso, trata-se de *topoi* de gênero demonstrativo-deliberativo, por serem doutrinários os textos estudados. A autoridade Luciano é utilizada para promover honestidade e utilidade aos discursos.

Embora não saiba qual edição ou versão do texto de Luciano os letrados consultaram, sei que as citações se dão em vulgar (sem indicação de paragrafação do texto, eventualmente sem a referência textual), provavelmente a partir da tradução quinhentista publicada por Sebastien Henricpetri, ou por meio das diferentes traduções seiscentistas de Benedictus e de Bourdelot disponíveis. Outras hipóteses podem ser aventadas. O *Como se escreve a história* pode ter sido lido a partir de Viperano (1569) ou de Vossius (1624). Há possibilidade dos letrados franco-italianos citarem, glosarem e/ou comentarem o texto de Luciano de memória, prática comum até o século XVIII.

Antes de demonstrar como Luciano é contituido *auctoritas* nas principais discussões sobre *história* no século XVIII, é preciso conceituar *auctoritas*. Defino a categoria como autoridade ou modelo do gênero apropriada e reciclada no ato da produção do discurso. Entendo Luciano como “autoridade enunciativa”, conforme conceito de Gérard Leclerc. Como poder simbólico com o qual o enunciador de um texto se vale para persuadir o leitor (LECLERC, 1996, p. 7-8). No caso, tem-se Luciano como autoridade ou modelo de tratadista de gênero histórico, como preceptista de arte histórica e não como um *auctor*, cujo *lógos* é ficcional, como hoje é possível ler a partir, principalmente, da hipótese de Brandão (BRANDÃO, 2001).

Charles Irénée Castel de Saint Pierre, nos *Dizcours sur la manière d' écrire l'histoire* (1712), estabelece cinquenta e seis (56) conselhos (regras) para um historiador contemporâneo compor uma história duradoura. O título de seus discursos sugere leitura de Luciano de Samósata, pois quase glosa (paráfrase) do *Como se escreve a história*. Isso se confirma por meio de citações de *auctoritates* históricas também em Luciano, como Tucídides, Políbio. A noção de escrita da história veiculada por Saint Pierre, cujo gênero deve ter como leitores os futuros leitores, vindouros leitores e não leitores coevos ao texto de história que se escreve, foi colhida da carta a Filo. O letrado prescreve estilo breve, ático para a *história*, como Luciano. Embora a comparação entre história e pintura seja tópica em diversas *auctoritates*, pode se levantar a hipótese que

essa tópica foi colhida de Luciano que a usa exastivamente no *Como se escreve a história*. Essas minhas afirmações encontram-se nos conselhos 6, 9, 10, 36 e 44:

“ 6° Si les diverses passions y sont peintes plus vivement, car c’est proprement le coloris du tableau et si l’on y trouve plus de portraits et mieux finis” [história como pintura];

“ 9° Si les faits y sont marquéz avec plus d’exactitude, avec moins d’aparence, de contradiction et mieux datez qu’ailleurs” [paráfrase de Luciano];

10° “ Si les faits racontez y sont plus circonstanciéz et marquez par plus de circonstances importantes” [outra paráfrase de Luciano];

“ 36° S’il remarque mieux que les autres tout ce que nous de manderions de plus et de moins dans les excelens historiens contemporains entre les Grecs et les Romains tels que sont Thucydide, Polibe, Tacite” [atente-se para Tácito; Políbio e Tucídides *auctoritates* também em Luciano];

“ 44° De la on peut conclure, que l’historien doit bien choisir les faits qu’il veut raconter et qu’il ne mette que le moins qu’il pourra ces faits de mode passagere, qui seront pei interessans pour les lecteurs qui vivront dans mille ans. Je sai bien qu’une peinture fine d’un homme d’une fortune mediocre peut plaire dans mille ans, encore faut il que le caractere soit singulier, que la peinture en soit vive et que le lecteur y aprend quelque choze d’utile” [atente-se para tópica luciânica escrever para o futuro, não para leitores contemporâneos, um dos pensamentos-chave no *Como se escreve a história*].

O ponto de contato entre Bernard le Bouyer de Fontenelle, no *Sur l’histoire* (1724), e Luciano de Samósata pode ser verificado no trecho a baixo:

“Quand on fut venu à écrire les faits selon la vérité, ou plutôt avec quelque vraisemblance, on les écrivit d’abord assez confusément; mais, ce qui est plus remarquable, très-séchement, et presque sans en exposer les motifs, ni sans raisonner sur le caractère des hommes. À cette manière d’écrire l’histoire, en succéda une plus parfaite qui entroit dans les motifs et dans les caractères, et c’est elle qui a toujours été en usage dans les siècles polis et savans” (FONTENELLE, 1724).

Vico, nos *Princípios de (uma) ciência nova* (1725) trata do estilo histórico, da oposição história/fábula, da tópica Heródoto pai da história, depois Tucídides, cujo modelo em Luciano também é forte, pois primeiro historiador severo e grave:

“As fábulas foram autênticas estórias dos heróis e de seus heróicos costumes, uns e outros florescentes em todas as nações, em seus tempos bárbaros. De modo que os dois poemas de Homero resultam dois grandes tesouros de descobertas do direito natural da gentilidade grega em estado de barbárie. Através da obra homérica pode precisar-se que o tempo bárbaro durou entre os gregos até a época de Heródoto, cognominado pai da história grega, cujos livros estão em vastíssima proporção repletos de fábulas, num estilo que ainda tem muito de homérico. No âmbito de um tal estilo se mantiveram todos os historiógrafos que se lhe seguiram, usuários todos de um fraseado mediano entre o poético e o vulgar. Já Tucídides, primeiro historiador severo e grave da Grécia, ao início de seus relatos, testemunha que, desde os tempos de seu pai (...) os gregos não apenas das estrangeiras (...), mas de suas próprias raízes antigas nada absolutamente conheciam. Tais são as densas trevas que o desenho do frontispício deixa entrever ao fundo. Dessas mesmas trevas, à luz do raio da providência divina, que, da Metafísica se reflete em Homero, emergem à claridade todos os hieróglifos, simbolizadores estes dos princípios conhecidos somente a partir de agora através dos feitos deste universo de nações”.

O letrado valoriza *aticismo*, pelo exemplo da língua francesa, que elogia. Esse encômio ao estilo ático pode ter sido retirado de Luciano, que prescreve como estilo do historiador perfeito:

“E, através desse imaturo passar da barbárie às mais sutis ciências, a língua francesa resultou uma língua de tal forma delicada que, de todas as línguas vivas, foi a que parece haver restituído aos nossos tempos o aticismo dos gregos, além de ser, mais do que qualquer outra, tão apta para disquisições centíficas, quanto a língua grega” (VICO, 1974, L. I).

Jean le Rond d'Alambert, na *Reflexion sur l'histoire, et sur les différents manières de l'écrire* (1767), faz referência a Diógenes, que pode ter sido colhida em Luciano:

“Hâtons-nous de faire taire ce Diogène; car comme il y a du vrai dans sa déclamation, ce vrai, quoique dur et outré, ou plutôt parce qu'il est dur et outré, chargerait encore l'infortunée philosophie d'un nouveau crime dont elle n'a pas besoin”.

Chamo atenção para o aspecto modal, no trecho a seguir, talvez categoria tirada de Luciano, embora de muito uso também nos séculos XVI/XVII por letrados ibéricos que leram Luciano: “Après ces réflexions sur l'histoire en général, disons un mot des différentes manières de l'écrire” (ALAMBERT, 1767).

Gian Francesco Galeani Napione, no *Saggio sopra l'Arte storica* (1773), recebe Luciano como se vê abaixo:

“Quantunque l'Antichità tanti modelli di ottimi Storici ci abbia tramandato, Scrittore dell'Arte Storica de' tempi, in cui fiorirono le Lettere sia presso i Greci, sia presso i Latini non ce ne pervenne alcuno, se eccettuar non vogliamo l'Operetta di Luciano intorno al modo di scrivere la Storia, nella quale però quel piacevole ingegno si burla soltanto de' cattivi Storici, scherzando sopra i difetti loro, ma non si fa metodicamente a divisare i precetti dell'Arte, non sale a cosa alcuna di generale, in una parola né diede, né pretese di dare un compito Trattato”.

Chamo atenção para Luciano, *auctoritas*, quando Napione prescreve estilo histórico sem exagero no uso de descrições. A referência a Luciano é: “Lucian. *quomodo scribenda sit Hist'*”. Napione não cita literalmente, mas por meio da memória. Talvez retirado de Agostino Mascardi, do *Dell'Arte Historica* (1636), que Napione lê:

“Per questa cagione lo stile è pieno di descrizioni, e perciò Poetico nell'*Arcadia* del Sannazzaro, e nel *Telemaco* del Fenelon, quantunque queste opere sieno scritte in prosa, e ciò senza biasimo, anzi con lode, perché dipingono finzioni per dilettere, che all'opposto si ride giustamente Luciano di quello Storico, cui appena bastava un libro intero per descrivere lo scudo dell'Imperatore, in mezzo del quale campeggiava la testa di Medusa co' crini viperei, che si tratteneva intorno alla veste di Vologeso, ed al freno del suo cavallo, né impiegava poche parole per dipingere la chioma ondeggiante di Ofroe nel passaggio del Tigri”.

Napione trabalha com idéia de perfeito historiador, que é cara a Cícero (perfeito orador), cara a Luciano (perfeito historiador), no *Como se escreve a história*:

“Perché lo Scrittore di un Trattato sopra l'Arte Storica in genere sviluppar possa l'idea dello Storico perfetto, che tiene in mente, è detto sopra, che osserrar delle belle qualità, che negli Storici migliori si ritrovano” (NAPIONE, 1773, §. I; §. II; “Appendice Intorno a' Compendj Storici”).

Gabriel Bonnot Mably, no *De la manière d'écrire l'histoire* (1783), tem como modelo Luciano de Samósata, do *Como se escreve a história*, pois estabelece interlocução textual com um “querido” amigo, assim como na carta a Fílo. Particulariza a tópica da amizade com o uso de “querido Cleante”; “meu querido Theon”. Ocorre que neste texto de Mably a interlocução textual é variada, há mais do que um interlocutor. Assim como em Luciano, o texto de Mably trata de ensinar a escrever história. O texto se divide em duas conversas, dois *entretiens*. O texto se aproxima de Luciano não só por meio do modo de construção da interlocução, mas principalmente por citar e debater Luciano e, como disse, por ter o polígrafo sírio do século II de nossa era como modelo. Veja-se o título das conversas que Mably performatiza: “ Da Maneira [ou do modo] de escrever a história”. Emulação do *Como se escreve a história*, de Luciano. Comprovo o que afirmo com quatro (4) exemplos retirados do primeiro *entretien* (“Des différens genres d'histoire. Des études par lesquelles il faut se préparer à l'écrire. Des histoires générales et universelles”) e com três (3) exemplos do segundo *entretien* (“Des histoires particulières; quel en doit être l'objet. Observations ou règles communes à tous les genres d'histoire”). Vejam-se referências a Luciano, do *Como se escreve a história* no texto de Mably:

“Or, je vous le demande, mon cher Théodon, comment l'historien s'acquittera-t-il de ce devoir essentiel, s'il n'a pas ce que Lucien dans sa manière d'écrire l'histoire appelle la science ou l'art de l'administration?”;

“Si je ne remonte pas jusqu'aux vues primitives de la nature, je donnerai comme autant de principes incontestables et salutaires les caprices, les préjugés et les erreurs des passions; et tandis que j'imiterai les magistrats et les législateurs qui ont égaré les premiers hommes, croyez-vous que j'acquerrai cette science politique que Lucien désire dans un historien?”.

Mably pensa com Luciano, do *Como se escreve a história*, ao preceituar ao historiador escrever para os vindouros, não aos de sua época, nem para si mesmo:

“Précepte admirable pour plaire à la multitude; mais la multitude ne donne qu'une vogue passagère, et il me semble qu'on doit plutôt en croire Lucien. Il recommande à un historien de la mépriser, de ne pas écrire pour elle, de ne pas même se conformer au goût de son siècle, et d'avoir toujours devant les yeux le jugement de la postérité qui ne se trompe jamais”.

Veja uso da tópica da amizade: “Mon cher Théodon, lui répondis-je, je ferai très-volontiers ce que vous exigez de moi, car je compte sur votre amitié et celle de Cidamon” (MABLY, 1783, “Premier Entretien”).

Veja-se paralelo entre orador e historiador perfeitos, cujo modelo é Cícero, depois Luciano:

“Pour les hommes de génie, ils obéiront à leur talent; et plus ils se feront une idée juste de l'histoire, plus ils se prépareront à l'écrire par leurs méditations et de sages études. Bien loin que cette connoissance les décourage, elle leur donnera des forces nouvelles; et ils travailleront à se surpasser eux mêmes, en voulant s'approcher de cette perfection dont ils seront toujours éloignés. Si Ciceron a eu raison de nous tracer le portrait de cet orateur qu'on ne trouvera jamais, pourquoi aurois-je tort de chercher, à son exemple, un historien parfait?”.

O trecho a seguir glosa Luciano, comenta, cujo uso é argumentativo. Mably prescreve liberdade do historiador, verdade na história, qualidades necessárias para escrever história tal qual Luciano no *Como se escreve a história*:

“Un historien, qui par ses études se sera rendu digne d'écrire l'histoire, méritera sûrement l'estime et l'amitié de ses lecteurs. Ses lumières nous préviendront en sa faveur, il nous apprendra à trouver en nous-mêmes ces sentimens de noblesse, de grandeur et de liberté qu'une mauvaise éducation et les mœurs de notre siècle peuvent avoir étouffés, mais qui sont si naturels et si vrais que nous en retrouvons le germe en nous, quand un historien habile sait intéresser notre cour. Que voulez-vous attendre d'un écrivain qui, se mettant aux gages d'un libraire émousse ou déguise la vérité pour n'offenser personne et mériter une pension? Comment un pareil historien auroit-il les qualités que Lucien désire? Qu'il soit libre, dit-il, qu'il ne craigne personne, qu'il n'espère rien, qu'il préfère la vérité à ses amis, qu'il songe à plaire à la postérité plus qu'à ses contemporains, qu'il n'ait

rien de flatteur ni de servile, au-dessus des préjugés de tous les gouvernemens, qu'il ne soit d'aucun pays ni d'aucune religion”.

Finalmente, Mably glosa o *Como se escreve a história*, § 42 (LUCIANO, 1771): “Mais laissons la morale, et bornons- nous à l'art de l'historien. Si un poète épique, qui va faire agir les dieux et créer des héros à sa fantaisie, se rend ridicule par un début emphatique, combien un historien qui ne met sur la scène que des hommes, doit-il être plus modeste? Imitiez Tite-Live. Si par hasard je vous paroiss trop sévère, prenez-vous en à Lucien. Il se moquoit des historiens de son temps qui promettoient des merveilles; il les compare à des enfans qui se joueroient sous le masque d'Hercule ou de Titan. Ne mettez point, dit-il encore, la tête du colosse de Rhôdes sur le corps d'un nain. Pourquoi donc ne serois-je pas blessé de lire au frontispice d'une histoire, *Histoire politique et philosophique*?” (MABLY, 1783, “Second Entretien”).

Em síntese, Luciano de Samósata foi lido no século XVIII entre os anos 1712 e 1783. É constituído *auctoritas*, por meio de tipos de recepções diferentes, em projetos historiográficos diferentes: pré-iluminista (do Antigo Regime) e iluminista, basicamente. Em discussões acadêmicas, caso de Saint Pierre e d'Alambert (enciclopedista) da Academia Francesa de Letras, e de Fontenelle da Academia Francesa de Ciências, por exemplo. Gian Francesco Galeani Napione dedica seu ensaio sobre arte histórica a Vitorio Amadeo III de Savóia, em uma recepção de Luciano vinculada à política das mercês, ou mecenato.

Em sua maioria, os letrados do recorte, debatem escritas da história consideradas nas oposições universal/particular, fábula/verdade. A oposição fábula/verdade me parece colhida de Luciano, que a debate em seu opúsculo.

Quando os letrados franco-italianos setecentistas doutrinam *história*, pensando-a para futuros leitores, fazem isso com Luciano. Prescrevem estilo breve (ático) também com Luciano, conforme identifico ao ler Charles Irénée Castel de Saint Pierre, Vico. Saint Pierre, Fontenelle, Alambert e Mably glosam e/ou parafraseiam Luciano. A questão modal (mode de escrever história) é atualizada por Alambert, Vico e Mably. Napione e Mably citam Luciano, fazendo referência direta ao *Como se escreve a história*.

Os usos de Luciano feitos por letrados franco-italianos setecentistas implicam em exortação e em argumentação do *Como se escreve a história*, uma vez que Luciano funciona nos textos estudados como *exemplum*. Lembro que o exemplo é uma indução, um dos modos de demonstração prescrito na *Retórica* aristotélica. Em comparação ao silogismo, um dos tipos de entimema, o exemplo persuade mais, enquanto que o silogismo impressiona mais (ARISTÓTELES, 1998, L. I., II., XIII) . Portanto, os letrados se valem de Luciano para persuadir indutivamente ouvintes/leitores partícipes das discussões sobre *história*. A opção pelos *exempla* em detrimento do silogismo parece respeitar não só o decoro do gênero didático, mas a crítica que o próprio Luciano faz ao uso do silogismo na história.

No limite, o *Como se escreve a história*, de Luciano, funciona mais como um modelo, exemplo naturalizado, estabelecido com estatuto probatório, do que como apenas uma referência ou demonstração de erudição. Se os letrados em questão quisessem, indecorosamente, impressiona ouvintes/leitores com suas apropriações de Luciano, comporiam citações, glosas e comentários do *Como se escreve a história* por meio de silogismos. O uso do silogismo faria com que receptores não fossem induzidos a pensar em Luciano como objeto de emulação para a escrita da história, mas deduzir isso. Em gêneros didáticos, como textos doutrinários sobre *história*, os *exempla* imprimem maior eficácia argumentativa na manutenção do estilo médio ou medíocre.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Jean le Rond d'. *Reflexion sur l'histoire, et sur les différents manières de l'écrire*. 1767. In: <http://www.eliohs.unifi.it/testi/700/alemb/reflect.html>.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, Abel do Nascimento Pena. Intr. de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998.

BENEDICTUS, Ioannes. Saumur: Petrus Piededibus, 1619. Cf. Bourdelot, Jean. Paris: Pierre Febvrier e Julien Bertaut, 1615.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A Poética do Hipocentauro – Literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

CANFORA, Luciano. *Teorie e tecnica della storiografia classica: Luciano, Plutarco, Dionigi, anonimo su Tucidade*. Roma: Laterza, 1974.

FINLEY, M. *Uso e abuso da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FONTENELLE, Bernard le Bouyer de. *Sur l' histoire*. 1724. In:_ URL: <http://www.eliohs.unifi.it/testi/700/fontenelle/histoire.htm>.

LECLERC, Gérard. *Histoire de l' autorité: la assignation des énoncés culturelles et la généalogie de la croyance*. Paris: PUF, 1996.

LUCIANO. *Sobre o modo de escrever a História*. Trad. Custódio José de Oliveira. Lisboa: Régia Off. Typ., 1771.

LUCIANUS. *Quomodo historia conscribenda sit*. In: *Luciani Samosatensis opera quae quidem extant*. Cum Gilberti Gognati et Ioannes Sambuci annotationibus; narratione item Vita & Scriptis Authoris Iacobi Zvingeri. Vol. II. Bâle: Sebastianus Henricpetri, 1563.

MABLY, Gabriel Bonnot. *De la manière d'écrire l'histoire* (1783). In:_ *Oeuvres Complètes de l'abbé de Mably*. Lyon: Chez Ve de J. B. Delamollière & Falque, 1796. T. XII, pp. 321-500. In:_ <http://www.eliohs.unifi.it/testi/700/mably/ecrire.html>.

MASCARDI, Agostino. *Dell'Arte Historica. Trattati Cinque. Coi sommarii di tutta l'opera estratti dal Sig. Girolamo Marcucci*. Apresso Giacomo Facciotti. Roma, 1636.

NAPIONE, Gian Francesco Galeani. *Saggio sopra l'Arte storica*. Torino: Mairesse, 1773. In:_ <http://www.eliohs.unifi.it/testi/700/galeani/index.html>.

SAINT PIERRE, Charles Irénée Castel de. *Dizcours sur la manière d' écrire l'histoire*. 1712. In:_ Appendice a M.G. Bottaro Palumbo, *Storia e politica in un manoscritto inedito di Saint-Pierre*, Genova, ECIG, 1978, pp. 15-31. (URL: <http://www.eliohs.unifi.it/testi/700/saint-pierre>).

VICO, Giambattista. *Princípios de (uma) ciência nova*. 1725. Seleção, tradução e notas de Antonio Lázaro de Almeida Prado. São Paulo: Abril (Col. Os Pensadores), 1974.

VIPERANO, G. A. *De Scribenda Historia*. Anvers. 1569.

VOSSIUS. *De Historicis Graecis Libri III* (1624).